

■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Rodas de brincar na Educação de Jovens e Adultos: uma proposta possível

 Maristela Papa da Silva*

Resumo: O presente relato de experiência apresenta o projeto “Rodas de Brincar na EJA”, desenvolvido em uma turma de Educação de Jovens e Adultos, referente ao terceiro ano do Ensino Médio, no segundo semestre de 2016, no Centro de Ensino Médio do Núcleo Bandeirante. O projeto foi proposto aos alunos como uma maneira diferente de organização das aulas, pautadas, em sua maioria, por brincadeiras. Para tanto, seria necessária a participação efetiva dos estudantes, o que foi conquistado de imediato. O projeto aconteceu em quatro fases diferentes: apresentação de brincadeiras pela professora; propostas de brincadeiras livres pelos estudantes; apresentação de seminário pelos grupos com a proposição de uma brincadeira; avaliação de todo o processo. Ao final do projeto, pode-se perceber a motivação que as brincadeiras trouxeram aos alunos, que chegaram a mencionar a expectativa que tinham para que o último horário de quarta-feira chegasse logo, tendo em vista os momentos propiciados pelas aulas de Artes ministradas. Esta foi uma experiência lúdica transformadora tanto para a docente quanto para os discentes participantes.

Palavras-chave: Brincadeiras. Ludicidade. Educação de Jovens e Adultos.

* Maristela Papa da Silva é especialista em Artes Cênicas e graduada em Artes Plásticas pela Faculdade Dulcina de Moraes. Professora da SEEDF desde 1997. Contato: maristelapapadasilva@yahoo.com.br.

Sempre entendi que a brincadeira é algo precioso na vida do ser humano. Certa vez, meu filho, com apenas quatro anos, me abordou de uma forma interessante. Assim que cheguei em casa, ele disse: “Nossa, hoje trabalhei muito! Tô muito cansado.” Curiosamente, falei: “Trabalhou? Como assim?”. Naturalmente, ele respondeu: “Ué, brincando, né?”. Diante daquela criança, percebi a importância daquilo que há anos eu afirmava aos educadores para quem eu, na época, lecionava. Sempre enfatizava a importância do brincar na vida de uma criança e o quanto a brincadeira é coisa séria, podendo inclusive ser comparada ao trabalho dos pais.

Para aquela criança, a brincadeira era significativa e eu, como mãe, percebi que o brincar estava contribuindo para a formação do seu caráter no momento presente, preparando-o para o futuro, que tive a honra de verificar com o decorrer do tempo. Afinal, conforme afirma Bettelheim (*apud Santos, 2006*):

A brincadeira tem duas faces: uma dirigida para o passado, ou seja, permite que se resolvam simbolicamente problemas não resolvidos do passado e outra, para o futuro, a fim de permitir que se enfrentem direta ou simbolicamente questões do presente. É também a ferramenta mais importante de que se pode dispor para se preparar para as tarefas do futuro (SANTOS, 2006, p. 32).

Pude perceber na prática a pertinência da constatação de Bettelheim, acompanhando o desenvolvimento do meu próprio filho e vendo a importância do brincar tanto no tempo presente quanto na preparação para o tempo futuro, pois, dentre outras coisas, a brincadeira permite decidir, pensar, sentir emoções distintas, competir, cooperar, experimentar, descobrir, aceitar limites, enfim, surpreender-se (PORTO, 2008).

A partir daquele dia, minha postura pessoal e profissional com a brincadeira foi transformada. Sei que, como professora de Artes, o uso de jogos cênicos e/ou os interpessoais direcionados e, muitas vezes, com objetivos claros para os alunos, me ajudam a vivenciar o brincar. Por vezes, me vejo sendo indagada: “Hoje tem brincadeira?” “Qual a brincadeira de hoje?”.

Porém, mais importante que a ação do brincar, existe a fundamentação de se saber o porquê e como brincar em grupo. Percebo que os alunos do Ensino Fundamental ou da EJA passam a compreender esse processo e a entender por que o brincar vem sendo um dos objetivos específicos de minhas aulas ao longo dos anos.

Após vinte anos de Secretaria de Educação do DF, no segundo semestre de 2016, pude vivenciar algo incrível na minha vida profissional. Era uma turma da EJA no Centro de Ensino Médio do Núcleo Bandeirante (CEMNB). Tratava-se de uma classe bem diversificada, com 38 alunos, com idades entre vinte e sessenta e cinco anos. Estavam cursando o terceiro ano do Ensino Médio. Eu era a professora de Artes da turma pelo quarto semestre consecutivo, e este seria o último período deles naquela escola. A conclusão do Ensino Médio para a grande maioria dos estudantes naquela realidade é uma verdadeira vitória, ansiosamente esperada. Dessa maneira, motivada pelo comprometimento com aqueles alunos, propus um semestre diferente da vida acadêmica que eles conheciam. Sugerir que, durante as aulas de Artes, nos liberássemos das amarras do dia a dia e nos permitíssemos brincar.

Para minha surpresa, de prontidão a turma aceitou e o projeto foi desenhado da seguinte maneira: nas primeiras quatro semanas, eu traria a eles cantigas e brincadeiras de rodas. Nas semanas subsequentes, cada grupo poderia trazer algo novo para brincarmos. Em seguida, avaliaríamos as aulas e teríamos mais duas semanas para os grupos apresentarem os seminários, cujos temas foram apresentados no primeiro dia de aula, após o aceite dos estudantes. Cada grupo teria que preparar a apresentação e propor uma brincadeira relacionada ao tema sugerido, ficando assim:

Tema 1: A importância do Brincar;

Tema 2: O brincar e o desenvolvimento da personalidade;

Tema 3: As diferenças entre brincar, brincadeira e brinquedo;

Tema 4: A importância do brincar na 3ª idade.

Os grupos teriam uma aula toda para se apresentarem e deveriam entregar também um trabalho escrito, além de vivenciar a brincadeira apresentada com toda a turma no pátio, onde normalmente realizávamos as aulas práticas, de rodas e de cantigas.

Iniciamos na aula seguinte a proposta e começamos nas noites de quartas feiras, no último horário, uma permanente troca de brincadeiras. Posso afirmar que foi uma das experiências mais ricas que já vivenciei em sala de aula. As avaliações orais ao fim das aulas me estimulavam a buscar mais brincadeiras diferentes, em que pudéssemos recriar as regras e desafiar a nós mesmos. A cada aula eu percebia a naturalidade das expressões individuais de cada um, da expressão facial à expressão corporal. Concordo com Retondar (2006) quando este afirma:

A brincadeira é aquele movimento que atribui vida ao que não tem vida, destitui vida daquilo que é vivente, e quando você começa a compreender o sentido de sua ação, ela muda completamente o rumo de sua jornada, criando o novo, o indeterminado para ela e para quem a observa, e tais mudanças não são frutos de uma tomada consciente de atitude, mas o livre trânsito impulsionado pela sensibilidade, pela intuição reinante. A brincadeira é um mundo de possibilidades que se eleva ao infinito. Tudo pode no ato de brincar, pois é o Sujeito que se relaciona profundamente consigo mesmo e é ele quem cria e modifica a ordem de maneira plena e subjetiva (p. 73).

Entendi de uma maneira muito especial o quanto havia beleza na ação do brincar e, por vezes, consegui ver nos rostos enrugados ou cansados pela rotina pesada do dia a dia um sorriso de criança e um brilho no olhar que escondiam uma alegria contida ou, muitas vezes, reprimida pelo tempo. Esta experiência gerou relatos emocionantes, tanto orais quanto escritos, alguns dos quais começo a compartilhar a partir de agora. Um dos estudantes assim se pronunciou sobre o projeto:

Apreendi que os adultos mais velhos guardam uma certa tristeza quando lembram de sua infância, e que a criança que não brinca vai ter dificuldades. Posso incentivar meus filhos a brincar, pois a brincadeira em si é importante e é nosso dever passar o legado da brincadeira a eles. Para mim, as aulas de Artes foram as melhores. Brincar é a melhor coisa que você faz, tipo o ato de brincar e interagir com os

alunos foi uma jogada de mestre. O ponto negativo é que as brincadeiras ficaram para o final, o tempo era muito curto (Participante 1).

Em algumas ocasiões, ficamos brincando além do horário da aula e foram nestas noites que constatei nitidamente que ir descansar deixava de ser tão importante. O compartilhar e participar havia tomado uma relevância tão grande que o cansaço deixava de existir e a brincadeira finalmente havia cumprido seu papel com magnitude, conforme postula Oliveira (2010):

O jogar supõe um envolvimento próprio e pessoal. Para tal, a pessoa como que se desliga momentaneamente do contexto real e mergulha, por assim dizer, na dimensão lúdica, onde as dimensões do tempo e do espaço não são as mesmas das reais. Nos jogos há como que uma parada do tempo e um afastamento do espaço (p. 36).

Era agora o perceber-se no trabalho do colega, o partilhar a brincadeira a coisa mais interessante e importante naquele momento, consoante se pode depreender do relato de uma das estudantes:

Eu aprendi a me comunicar melhor com os colegas. E o mais importante: Arte não é só pintar e, sim, aprender, cantar, brincar. Arte é cultura, história. Aprendi que podemos viver a arte dentro de nós, podemos nos alegrar com a dança e as brincadeiras, jamais deixando este encanto acabar dentro de nós. Só tenho a agradecer por ter tido aulas tão diferentes, com brincadeiras. Todos assim puderam ter um convívio melhor uns com os outros e ter a consciência de que Artes é uma aula de exemplo (Participante 2).

Por vezes, fui abordada nos corredores da escola com a afirmação "Já quero que chegue a quarta-feira e saber qual a nova brincadeira". Esta motivação pelas aulas me fez perceber o quanto podemos enriquecer a nossa prática docente com a inserção do lúdico. Pude constatar na prática o que Santa Marli Santos (2014) defende:

Ensinar através do lúdico é ver como o brincar na escola pode ser diferenciado dependendo dos contextos e situações; é ter novos paradigmas para a educação; é deixar de lado o modismo; é atribuir sentido e significado às ações educacionais; é contextualizar as brincadeiras com a vida e com o espaço no qual os alunos se inserem. Portanto, o brincar é uma ferramenta a mais que o educador pode lançar mão para favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos, proporcionando um ambiente escolar planejado e enriquecido, que possibilite a vivência de emoções, os processos de descoberta, a curiosidade e o encantamento, os quais favorecem as bases para a construção do conhecimento (p. 7).

Esta experiência comprovou na prática que a ludicidade não exige faixa etária específica para acontecer, haja vista a heterogeneidade da turma com a qual eu estava trabalhando. A ludicidade se faz presente na vida das pessoas de todas as idades.

Uma senhora de sessenta e dois anos relatou para a turma que quando era criança sua mãe era doméstica e ela, como filha

da empregada, era proibida de brincar com as filhas da patroa. Por vezes, ela via as rodas e pensava o quanto deveria ser bom aquele tipo de brincadeira. As aulas de Artes retomaram essa lembrança da sua infância e agora ela havia entendido o quanto realmente era prazeroso e bom brincar de roda. Neste dia, muitos da turma encheram os olhos de lágrimas e o depoimento desta aluna nos fez ver o quanto somos mais felizes quando brincamos e expressamos nossos sentimentos.

Compreendi que a minha função de educadora havia transposto uma barreira incrível de aproximação que eu jamais havia imaginado nas aulas de teatro. Vivenciei o que teorizamos, pois, conforme afirma Cyrce Andrade (2008): "Valorizar a brincadeira não é apenas permiti-la, é suscitá-la. E para que isso aconteça, precisamos perceber o brincar como ato de descoberta, de investigação, de criação" (p. 59). Percebemos juntos naquele e em outros momentos que a brincadeira era capaz de fechar feridas e trazer lembranças da infância, guardadas de formas nem imaginadas. A brincadeira apresenta ainda uma função curativa, conforme pude constatar na experiência vivenciada e relatada por outra das estudantes:

Artes para mim é a oportunidade de relembrar a infância e esquecer coisas que adoecem a alma. Brincar sempre é um encanto que contagia toda a turma que dança e é feliz num momento difícil. Eu ri muito. Meu cansaço foi embora com tantas gargalhadas. Posso fazer muitas pessoas entrar no clima de voltar a brincar, rir, descontrair e voltar a ser criança. Nós fizemos no semestre poucas aulas, pois brincar é tudo: feliz, mágico, faz sorrir e faz bem para a alma (Participante 3).

Poder amenizar algumas dores e reconstruir significados foi incrível para mim, como professora. As pesquisas apresentadas pelos grupos durante os seminários me surpreenderam com a qualidade das informações, em que vários vídeos e entrevistas com pessoas de idades variadas foram apresentados. Os trabalhos escritos foram também de excelência e nomes importantes foram citados em suas investigações.

As brincadeiras cantadas eram surpreendentes, inclusive quanto às posturas adotadas pela turma durante a ação do brincar. Comecei a perceber o tempo de cada um durante a roda e o respeito pelo corpo do colega. Por vezes, vi estudantes brincando descalços para não caírem ou por não utilizarem os sapatos adequados para as aulas de Artes.

Por muitos momentos durante o último horário de aula do segundo semestre do ano de 2016, eu presenciei crianças para quem o tempo não passou e adultos que não perderam o encanto pela vida, nem pela partilha, porque aprenderam que não temos o direito de adormecer na saudade das antigas; temos, sim, o direito de ressignificá-las em nossas vidas e simplesmente cantar, dançar e brincar.

Quando o ano acabou, fui escolhida como madrinha da turma, o que me emocionou. Durante o discurso, fiz questão de lembrar: "Nunca devemos deixar morrer a criança que um dia fomos".

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Cyrce. A formação lúdica do professor. In: **Jogos e brincadeiras, desafios e descobertas**. Salto para o futuro, programa 5, 2ª ed., Ano XVIII, boletim 7 – maio de 2008.
- OLIVEIRA, Vera B. de (org.). **Brincar com o outro**: caminho de saúde e bem-estar. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PORTO, Cristina L. **O brinquedo como objeto de cultura**. Salto para o futuro, programa 2. 2ª ed., Ano XVIII, boletim 7 – maio de 2008.
- RETONDAR, Jeferson J. M. **O fundamento lúdico na estética do jogo**. Revista da FAAEBA – Educação. Salvador, v. 15, jan/jun 2006.
- SANTOS, Maria José E. dos. **Ludicidade e educação emocional na escola**: limites e possibilidades. Revista da FAAEBA – Educação. Salvador, v. 15, jan/jun 2006.
- SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O brincar na escola**: metodologia lúdico-vivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmicas. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.